

# A Guerra Anglo-Persa

**Karl Marx**

**Outubro 1856**

---

**Escrito:** Outubro 1856

**Primeira Edição:** Artigo publicado no New York Daily Tribune em 30 de Outubro de 1856.

**Fonte:** [The Marxists Internet Archive](#)

**Tradução:** Jason Borba

---

A declaração de guerra à Pérsia pela Inglaterra, ou melhor pela Companhia das Índias Orientais, é a reedição de um desses golpes astuciosos e temerários da diplomacia inglesa na Ásia, graças aos quais a Inglaterra tem estendido suas possessões sobre esse continente. Desde que a Companhia lance um olhar cupido sobre qualquer dos Estados soberanos independentes, sobre qualquer região cujos recursos políticos e comerciais ou ouro e jóias são ambicionados, a vítima é acusada de violar tal ou qual convenção fictícia ou real, de transgredir uma promessa ou uma restrição imaginária, de cometer qualquer nebulosa ofensa, e a guerra é declarada, a eternidade do mal e a perpétua atualidade da fábula do lobo e do cordeiro tingem de sangue uma vez mais a história nacional inglesa.

A Inglaterra há longos anos tem cobiçado uma posição no Golfo Pérsico e acima de tudo a Ilha de Karak, situada na parte norte dessas águas. O célebre sir John Malcom, muitas vezes embaixador na Pérsia, não parou de exaltar o valor dessa ilha para a Inglaterra e afirmava que poder-se-ia fazer dela um dos estabelecimentos mais frutíferos na Ásia, localizada que é nas vizinhanças de Bouchir [Bandar-e Bushehr], Bender-Rig, Bassora [Basra], Grien Barberia e El-Katif. Como decorrência, a Inglaterra já exerce a possessão da ilha e de Bouchir. Sir John considerava a ilha como um ponto central para o comércio da Turquia, da Arábia e da Pérsia. O clima é excelente e ela oferece todas as facilidades para tornar-se um florescente lugar. O embaixador tinha, há mais de trinta e cinco anos atrás, submetido suas observações a Lorde Minto, então governador geral, e ambos procuraram realizar este plano. Sir John tinha sido nomeado para o comando de uma expedição para conquistar a ilha e deveria partir prontamente quando recebeu a ordem de retornar a Calcutá; sir Hartford Jones foi então enviado em missão diplomática na Pérsia. Durante o primeiro sítio de Hérat pelos persas, em 1837-1838, a Inglaterra, sob o mesmo efêmero pretexto que o presente - o de defender os afegãos, com quem ela tem tido constantemente uma inimizade mortal -, assumiu o controle de Karak, mas foi forçada pelas circunstâncias, notadamente pela intervenção da Rússia, a liberar sua presa. A tentativa recentemente renovada e coroada de sucesso da Pérsia contra Herat, tinha fornecido à Inglaterra uma ocasião de acusar o Xá de falta de boa fé para com ela e para tomar a ilha como primeiro passo para as hostilidades.

Assim, durante meio século a Inglaterra tem procurado continuamente, mas raramente com sucesso, estabelecer sua preponderância no seio do gabinete dos Xás da Pérsia. Estes últimos, no entanto, de nenhum modo diferentes de seus inimigos nas medidas e adulações, ludibriam em seus abraços perversos. Instruídos pela conduta dos Ingleses na Índia, os persas devem ter presente na memória o aviso dado a Feth-Ali-chah em 1805: "Desconfie dos conselhos de uma nação de mercadores cúpidos que na Índia

traficam vidas e coroas de soberanos". Esperto, esperto e meio! Em Teerã, capital da Pérsia, a influência da Inglaterra é a mais baixa; isto porque, sem contar as intrigas russas, a França lá ocupa uma posição eminente, e, desses três flibusteiros, o britânico é aquele que a Pérsia mais odeia. No momento presente, uma embaixada da Pérsia está providenciada para Paris ou já está mesmo estabelecida, sendo bem provável que as complicações sobrevindas na Pérsia tornar-se-ão objeto de negociações diplomáticas. De fato a França não vê com olhar indiferente a conquista de uma ilha do Golfo Pérsico. A questão tornou-se ainda mais espinhosa pelo fato da França estar exumando certos documentos pelos quais Karak já lhe foi cedida pelos Xás da Pérsia em duas oportunidades das quais uma remonta a 1708, sob Louis XIV, e a outra a 1808, mesmo que condicionalmente nas duas ocasiões, é verdade, mas em termos suficientes para conferir-lhe alguns direitos ou justificar pretensões da parte do imitador atual desses soberanos que eram anti-ingleses o suficiente.

Em uma recente resposta ao Journal des Débats, o London Times renuncia, em nome da Inglaterra, em favor da França, a toda pretensão à hegemonia nos negócios europeus, reservando à nação inglesa a direção incontestada dos assuntos da Ásia e da América, nos quais nenhuma outra potência européia deve imiscuir-se. Cabe ao menos duvidar que Louis Bonaparte aceite essa divisão do mundo. Em todo caso, a diplomacia francesa em Teerã, ao curso dos últimos malentendidos anglo-persas, não sustentou de coração aberto a Inglaterra; e o fato de que a imprensa francesa exuma e faz efervescer as pretensões gaulesas sobre Karak parece augurar que a Inglaterra não encontrará um jogo tão fácil em atacar e desmembrar a Pérsia.